

**A RESTAURAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS E AS CONSEQUÊNCIAS  
URBANÍSTICAS**

**THE RESTORATION OF OLYMPIC GAMES AND URBANISTIC CONSEQUENCES**

Felipe Buller Bertuzzi\*

Grace Tibério Cardoso\*\*

**RESUMO**

A reestruturação dos Jogos Olímpicos ao longo da história estabeleceu uma união entre as nações para a promoção da paz. No entanto, para a realização dos Jogos foi necessário investir em transformações nas cidades-sede, e promover a solução de alguns problemas urbanos. Por outro lado, a projeção dos Jogos sem pensar na futura utilização dos espaços construídos retoma a discussão da compatibilidade entre a infraestrutura disponível e a inovação aplicada e, conseqüentemente, pressupõe o uso de estratégias que visam a sustentabilidade e reinvenção constante dos locais. Assim, o presente trabalho traz uma revisão teórica da temática e para compreensão do processo evolutivo dos Jogos Olímpicos, a partir do contexto histórico, a fim de verificar os conseqüentes impactos da remodelação do espaço.

**Palavras-chave:** História dos Jogos Olímpicos. Urbanização. Transformações Urbanas.

**ABSTRACT**

The restructuring of the Olympic Games throughout history has established a unity among nations for the promotion of peace. However, to carry out the Games it was necessary to invest in transformations in the host cities, and to promote the solution of some urban problems. On the other hand, the projection of the Games without thinking about the future use of the constructed spaces resumes the discussion of the compatibility between the available infrastructure and the applied innovation and, consequently, it presupposes the use of strategies that aim at the sustainability and constant reinvention of the places. Thus, the present work brings a theoretical revision of the thematic and to understand the evolutionary process of the Olympic Games, from the historical context, in order to verify the consequent impacts of the remodeling of the space.

**Keywords:** History of the Olympic Games. Urbanization. Urban Transformations.

---

\* Arquiteto e Urbanista. Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade IMED. Email: <arq.felipebertuzzi@gmail.com>.

\*\* Arquiteta e Urbanista. Doutora em Ciências da Engenharia Ambiental. Docente no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade IMED. Email: <grace.cardoso@imed.edu.br>.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo alguns historiadores, os Jogos Olímpicos surgiram inicialmente na Grécia Antiga, tendo sua primeira edição em 776 a.C na cidade de Olímpia. Baseado em estórias mitológicas protagonizadas por deuses e heróis, os Jogos Olímpicos da Antiguidade iniciaram uma era de competições, nas quais o mais forte prevalecia sobre o mais fraco. A fim de nortear as competições e apontar punições àqueles que desrespeitassem ou manipulassem os jogos, foram necessárias incluir certas leis para o progresso do evento (COLLI, 2007, p. 6).

Já na era Moderna, as regras dos Jogos Olímpicos foram remodeladas a partir da intervenção do francês Pierre de Coubertin em 1896, quando foram incluídas novas modalidades esportivas e com a uma maior diversificação de cidades-sede espalhadas pelo mundo (RUBIO, 2010). A partir daí, a ideia central das Olimpíadas foi diretamente relacionada à confraternização entre as nações, com competições que visavam à interação de diferentes culturas, costumes e anseios (PRONI, 2004).

Devido ao caráter itinerante dos Jogos Olímpicos, já sediado por diferentes cidades do mundo, o Rio de Janeiro foi escolhido como cidade-sede em 2016, necessitando de alterações urbanísticas para a implantação do Parque Olímpico e demais espaços para realização do megaevento. No entanto, Leite e Awad (2012) alertam que, ao promover qualquer intervenção urbana em uma cidade, é necessário avaliar se há compatibilidade entre a inovação aplicada e a infraestrutura do espaço, adotando estratégias que visem sua sustentabilidade e constante reinvenção.

Para que seja possível analisar a inserção do Parque Olímpico enquanto ambiente construído e as consequências urbanísticas, é preciso compreender o processo de transformação urbana do ponto de vista da gestão e do planejamento urbanos, a partir das alterações ocorridas nos anos que antecederam a realização do megaevento.

Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo apresentar uma discussão teórica a respeito do tema, servindo de base para a análise posterior dos principais problemas e soluções de caráter urbanístico, consequentes da implantação deste empreendimento, levando em consideração também o conjunto arquitetônico ali inserido, a partir da percepção do nível de satisfação dos usuários no espaço.

## 2 BREVE HISTÓRIA DOS JOGOS OLÍMPICOS

Para a primeira edição dos Jogos Olímpicos, na cidade de Atenas, Grécia em 776 a.C., foi necessária a aceitação de alguns países para participação e a construção de espaço físico para as competições (Figura 01).

Figura 01: Estádio Olímpico construído para os Jogos de Atenas



Fonte: COLLI (2007, p. 12)

Dessa forma, a ideia das Olimpíadas foi diretamente relacionada à confraternização entre nações, a partir de competições e interação entre diferentes culturas. No entanto, sabendo-se que sediar um evento desse porte pode gerar melhorias em uma cidade, principalmente econômicas devido ao turismo, gestores do mundo inteiro encontraram uma oportunidade de vincular o acontecimento à lógica empresarial (PRONI, 2004).

## 3 A INSERÇÃO DO MEGAEVENTO E A REESTRUTURAÇÃO URBANA

A necessidade de remodelação das cidades para receber as Olimpíadas, de acordo com Rubio (2010), proporcionou aos gestores a oportunidade de resolver alguns dos problemas das cidades-sede, como a criação de empregos, a melhoria do setor do turismo, a facilidade de transporte, a segurança e um novo visual para a cidade (PRONI, 2009).

A escolha de uma cidade como sede de eventos internacionais muitas vezes gera expectativas de diferentes naturezas na sociedade. Dentre as vantagens e desvantagens das transformações urbanas, inclui-se a previsão de fluxos turísticos, o recebimento de investimentos para a ascensão do poder econômico e a

regeneração urbana como forma de legado (COSTA, 2013). Como exemplo, o reordenamento urbanístico para as Olimpíadas de Barcelona de 1992, gerou aumento da produtividade, que alterou positivamente o rumo da história da cidade catalã (QUEIRÓS, 2010). Após vinte anos da realização dos Jogos em Barcelona, a cidade continua a ser um exemplo de investimento e planejamento urbanos promovidos por megaeventos internacionais (COSTA, 2013).

As transformações urbanas bem planejadas podem trazer soluções físicas à cidade, e proporcionar melhoria de vida à população a curto prazo. Bottura (2014, p. 121) denomina o processo de inserção do megaevento no âmbito urbano como forma de “mundialização da cidade”, ao atrair investimentos que possam gerar mudanças em larga escala. No entanto, a agilidade forçada nas mutações citadinas escapa ao planejamento (BOTTURA, 2014).

Quando o assunto é legado, é importante salientar que este termo não caracteriza única e exclusivamente os efeitos positivos como o desenvolvimento da mobilidade urbana, por exemplo, uma vez que é necessário prever qual será o público-alvo que irá desfrutar do espaço após as Olimpíadas.

A potencialidade do desenvolvimento urbano depois da realização do megaevento ainda é um assunto que gera discussão. Uma pesquisa realizada por Souza (2015, p. 76) revelou que os pesquisadores entrevistados afirmaram inicialmente que não possuem expectativa de que haverá legados esportivos positivos significativos em decorrência da realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Entretanto, eles afirmaram que este momento de preparação e realização dos Jogos poderia ser utilizado para potencializar o desenvolvimento de uma cultura esportiva mais ampla e de melhor qualidade no país. Para eles, três instituições são fundamentais para a construção desse legado: a mídia, a escola e o Estado. (Souza, 2015, p. 76)

A cidade de Pequim, uma das mais recentes cidades-sede dos Jogos Olímpicos, passou por um processo de reurbanização de relevância mundial. Segundo Broudehoux (2011), a concepção projetual na implementação de todo o complexo esportivo foi baseado na “arquitetura do espetáculo”<sup>1</sup> como forma de

---

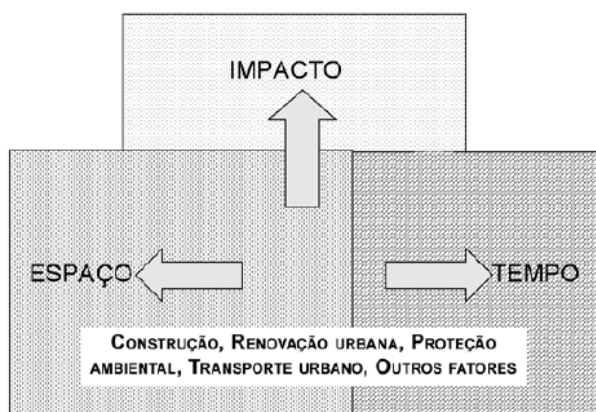
<sup>1</sup> Para Broudehoux (2011) o conceito “arquitetura do espetáculo” interpretado por de David M. Boje em *Theatres of capitalism*, a noção de espetáculo — é amplamente compreendido como um modo de distração paliativo e uma tecnologia teatral que camufla, justifica e legitima o poder.

encobrir corrupções, desigualdades e mercadização que a China vinha passando no momento.

### 3.1 A REMODELAÇÃO DA CIDADE E OS IMPACTOS GERADOS

Segundo Rodrigues et al. (2008), a inadequação nas instalações olímpicas acarreta em sua deterioração, fato que acaba contribuindo para o seu abandono e facilitando possíveis invasões. Dessa forma, é necessário que os espaços sejam apropriados para a concretização dos Jogos, e que as instalações esportivas estejam diretamente interligadas ao contexto de um evento deste porte, conforme ilustrado na Figura 02. No modelo esquemático representado abaixo, é possível notar a relação entre complexidade, visibilidade e natureza.

Figura 02 – Esquema representativo da inserção das Olimpíadas em uma cidade



Fonte: Rodrigues et al. (2008)

Nesta relação, a complexidade é entendida como a forma de apropriação do espaço levando em consideração todos os trâmites econômicos, sociais e políticos, analisando se há a compatibilidade do evento com o espaço proposto. Dessa forma, o tempo está diretamente relacionado à proposição do espaço, levando em consideração os prazos para a preparação do evento.

### 3.2 O PROCESSO PARTICIPATIVO NA TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE

Ao longo do processo urbanização no Brasil, o modelo de planejamento urbano baseado na especulação imobiliária, impulsionou à mudanças na malha das cidades, que culminaram na seletividade de espaços e, por consequência, na

exclusão de grupos sociais menos favorecidos. (BIENENSTEIN; BIENENSTEIN; SOUSA, 2015). Desse modo, o modelo funcionalista foi sendo substituído pela gestão dos negócios, no qual a coletividade perde a força para os interesses individuais (BIENENSTEIN; BIENENSTEIN; SOUSA, 2015).

A importância da aprovação da sociedade no processo e no desenvolvimento de uma cidade pode garantir a melhora no resultado final da concepção dos espaços, conforme aborda Carvalho (2009). No caso de transformações urbanas ocasionadas pela implantação de estruturas de megaeventos como as Olimpíadas, a falta de debate público durante o período que antecede aos jogos, cria certas expectativas que direcionam as ações de alterações na cidade (NOBRE, 2009). Em relação a este processo na visão de planejadores e gestores urbanos, Castro, Perico e Nobre (2016) evidenciam a não inclusão de consultorias técnicas, aumentando a influência da especulação imobiliária, por exemplo.

Sabendo-se que a implantação de eventos desse porte necessita de investimento público e privado, logo o indivíduo tem o direito de usufruir do espaço moldado a partir da sua contribuição financeira (SINAY et al., 2017). Partindo desse pressuposto, o legado positivo de transformação urbana estar diretamente relacionado à geração de responsabilidade social, atendendo a todos os campos sociais durante o processo de implementação dessas novas estruturas, a fim de distribuir os benefícios em ações concretas, duradouras e responsáveis (SINAY et al., 2017).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo buscou-se relacionar a importância das transformações urbanas para cidades-sede de jogos olímpicos, a partir da contextualização histórica desse tipo de megaevento, e a necessidade do envolvimento da sociedade durante o processo de planejamento e construção das estruturas para as diversas modalidades esportivas. Assim, é possível prever os impactos das alterações urbanas, que possibilitarão um legado positivo à cidade. Dessa forma, quaisquer remodelações urbanísticas necessitam da participação coletiva da sociedade, a fim de promover a responsabilidade social.

## REFERÊNCIAS

BIENENSTEIN, Regina; BIENENSTEIN, Glauco; SOUSA, Daniel Mendes Mesquita de. A CIDADE NOS NEGÓCIOS E OS NEGÓCIOS NA CIDADE. NOTAS SOBRE AS OPERAÇÕES URBANAS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO. In: XVI ENANPUR - ESPAÇO, PLANEJAMENTO E INSURGÊNCIAS, 16., 2015, Belo Horizonte. **Anais do XVI ENANPUR - Espaço, Planejamento e Insurgências**. Belo Horizonte: Enanpur, 2015. p. 1 - 16.

BOTTURA, Ana Carla de Lira. O PARADIGMA DA CIDADE GLOBAL E AS OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO. **Oculum Ens.**, Campinas, v. 1, n. 11, p.119-135, jan. 2014. Semestral.

BROUDEHOUX, Anne-marie. Arquiteturas do espetáculo integrado na olimpíada de Pequim\*. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 1, n. 89, p.39-56, mar. 2011.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. A CHANCE DO RIO. **Cedes – Centro de Estudos Direito e Sociedade**, Rio de Janeiro, p.1-3, out. 2009.

CASTRO, José Luis Serpa Osorio de; PERICO, Nathalia Ventura; NOBRE, Ana Luiza. JOGOS OLÍMPICOS E TRANSFORMAÇÕES URBANAS NO RIO DE JANEIRO. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**: Edição Especial PUC - Rio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p.98-113, nov. 2016.

COLLI, Eduardo. Universo Olímpico: Uma enciclopédia das Olimpíadas. Montreal: Códex, 2004. 204 p.

COSTA, Giuliana. Sedar megaeventos esportivos vale à pena? **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 29, p.159-178, jan. 2013.

LEITE, Carlos; AWAD, Juliana di Cesare. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes**: desenvolvimento sustentável num planeta urbano. Porto Alegre: Bookman, 2012.

NOBRE, Ana Luiza. Mar Morto. A zona portuária e o fim da arquitetura carioca. **Vitruvius**, Rio de Janeiro/rj, v. 9, p.1-4, jul. 2009.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A METAMORFOSE DOS JOGOS OLÍMPICOS (1896-1996). In: XVII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O LUGAR DA HISTÓRIA, 17., 2004, Campinas. **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**.Campinas: ., 2004. p. 1 - 17.

PRONI, Marcelo Weishaupt. OBSERVAÇÕES SOBRE OS IMPACTOS ECONÔMICOS ESPERADOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016. **Motrivivência**, Florianópolis, p.49-70, 2009. Quadrimestral.

QUEIRÓS, Margarida. Barcelona (s): Cidade dos projectos ou projectos da cidade?. **Finisterra**, Lisboa, v. 45, n. 90, p.7-32, out. 2010.

RODRIGUES, Rejane Penna et al (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Lamartine Dacosta, Dirce Corrêa, Elaine Rizzuti, Bernardo Villano e Ana Miragaya, 2008. 610 p.

RUBIO, Kátia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p.55-68, 2010.

SINAY, Laura et al. Megaeventos, legado e sustentabilidade: o caso da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 10, n. 3, p.612-627, ago. 2017.

SOUZA, Ana Paula Prestes de. **CULTURA ESPORTIVA: UM POSSÍVEL LEGADO DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO 2016?** 2015. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.